



"Educação como prática de Liberdade":  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9951 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT17 - Filosofia da Educação

Cortes e multitarefa na formação docente: um olhar crítico para a estética cinematográfica convencional.

Luciana Azevedo Rodrigues - Universidade Federal de Lavras

Márcio Norberto Farias - Universidade Federal de Lavras

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPEMIG

**"Cortes" e multitarefa na formação docente: um olhar crítico para a estética cinematográfica convencional.**

**Resumo:** Os cursos de formação docente na Universidade pública, ampliados sem expansão equitativa das condições de estudos e trabalho para estudantes e professores comparáveis com os cursos superiores consolidados historicamente, tendem a ser muito mais impactados com a pandemia e com cortes orçamentários e de bolsas de estudos, os quais tendem a aprofundar a mercantilização do ensino superior, bem como formas de trabalho e estudos ainda mais precarizadas e concorrenciais. É no interior deste contexto que o consumo de choques audiovisuais também tende a aumentar como um mecanismo de anestesiamento frente aos sofrimentos produzidos socialmente. Este ensaio apresenta uma leitura crítica sobre como a estética do cinema convencional com sua decupagem clássica, que se tornou ainda mais difundida entre as imagens audiovisuais em geral tem papel preponderante para que, em tempos de pandemia e de ensino remoto, estudantes e professores "prefiram" praticar a abertura constante para as telas e áudios e o fechamento de suas câmeras e microfones. Assim, acena-se que o consumo dos choques audiovisuais que seguem a estética do cinema convencional, nos tempos atuais, tende a desencorajar a presença e a experimentação de um convívio social on-line; reforçando o *desgaste da atenção*, a multitarefa e o consumismo sem fim.

**PALAVRAS-CHAVE:** cinema convencional; cortes; multitarefas; consumismo, formação docente

Rupturas para conservação do mesmo.

É de dentro da Universidade Pública que se nota como em meio à pandemia e aos questionamentos por ela desencadeados sobre a vida e a morte, mecanismos políticos e socio-culturais se agudizaram evitando que nenhuma barreira, freio ou filtro decorrentes de quaisquer pensamentos ou sentimentos comprometidos com a vida no planeta viessem a reter o fluxo avassalador das convulsões do produtivismo e do consumismo requeridos pela dinâmica capitalista.

Nesse contexto, além de plataformas para viabilizar a realização de estudos e trabalhos em formato remoto, fora da Universidade também tem sido disponibilizadas horas gratuitas de acesso a plataformas de filmes e incentivos para produções artísticas audiovisuais que indicam a premência do capitalismo em manter as pessoas sob o império do fazer e do consumir choques audiovisuais cada vez mais, evitando quaisquer descanso, folga ou brecha para o despertar de questionamentos sobre afinal quais têm sido os objetivos do referido fazer e consumir compulsivos e convulsivos.

A máquina capitalista que dura produzindo mudanças não duráveis, produzindo destroços, como dizia Benjamin (Teses sobre conceito de história) , portanto, parece ter acelerado seu funcionamento para manter a cegueira das pessoas ante a maior visibilidade de suas vítimas representadas pelo número de mortes de Covid 19 no Brasil subnotificados pelos registros do Estado em mais de 500 mil.

Também dentro da Universidade pública, muitos são aqueles que falam em um novo normal, em prosseguir com um ensino que já está sendo nomeado por atividade não presencial com a justificativa de que a dita emergencialidade do ensino remoto não existe mais. Uma manifestação clara de que é preciso continuar lembrando a máxima de T. Adorno (1994) de que o maior e primeiro objetivo da educação é evitar a repetição de Auschwitz. Pois, embora a arquitetura de extermínio, que foi Auschwitz, seja diferente aqui no Brasil, ela não deixa de existir e se impor principalmente sobre pobres, indígenas, mulheres, negros/as e diversos outros corpos que não se alinham ao do dominador branco, de descendência europeia e de posses.

Com a Pandemia de Covid 19, tal arquitetura tem se constituído também pela falta de testes, de vacinas, pela produção de uma postura negacionista que enfatiza uma visão da vida pelo ângulo restrito de que a economia capitalista não pode parar. A qual conta com a participação de pessoas também dentro da Universidade para consciente e inconscientemente reproduzir uma educação mais uma vez baseada na repressão e no silenciamento da dor.

Tal reprodução ocorre tanto mais a lógica mercantil penetra na Universidade pública e de pensamento, convertendo-a paulatinamente, como nos diz CHAUÍ(2021) em uma instituição meramente operacional. Tal penetração não acontece sem cortes. Inicialmente, eles justificam medidas que precarizam as vagas de trabalho, que de efetivas se tornam temporárias, que acirram a concorrência interna entre professores e estudantes e que pressionam para que os temas e as metodologias de pesquisas realizadas nos diversos campos do conhecimento se alinhem aos priorizados pelos editais de financiamento "públicos" e privados, os quais, por sua vez, privilegiam aquilo que converge com o interesse de grandes conglomerados empresariais privados.

Tais alinhamentos "aceitos" vem pressionando para que as diferenças mesmas das áreas do conhecimento sejam dissolvidas internamente, de modo que todas as áreas devem seguir pela via única da instrumentalização e professores/as e estudantes se assemelhem a seguidores de protocolos/programas/ plataformas, de preferência em formato audiovisual, que atuam cada vez mais apartados de um tempo e espaço comum de convívio social e natural mesmo que on-line mais propícios ao pensamento, ao sentimento de comunidade e à sensibilização ao aprender das pessoas umas com as outras.

Nesse contexto de pandemia e de cortes de orçamentos, a proliferação de inúmeras lives dão testemunhos disso. Enquanto algumas são famosas, com grande audiência devido aos autores e autoras, pesquisadores e pesquisadoras de elevada notoriedade que as protagonizam nos diferentes campos do conhecimento, fazendo ressoar os sucessos de bilheteria cinematográficos com seus astros e estrelas, outras de pequeno porte e com maior frequência persistem lutando para coexistir.

O tamanho do público somado a quantidade de visualizações tende a fortalecer o culto ao espetacular e mais uma vez sufocar a disposição de professores/as e estudantes para aquilo que é da ordem do ensaístico, do pequeno, do experimental dentro de encontros regulares, on-line de grupos de estudos e pesquisas com menos pessoas, sem participações tão midiaticamente especiais.

O *Star System* se mostra também nas lives oferecidas ou mediadas pela Universidade, o que exige um olhar atento para o fechamento automático das câmeras e áudios dos participantes pelos próprios organizadores das lives de sucesso, com restrição ao uso do chat, assim como para a recusa de abertura de câmeras e áudios pelos participantes em encontros on-line menores.

Pois especialmente nesta última situação, parece haver, de um lado, o cultivo de uma presunção conformista, e de outro lado a neutralização e o desvio da atenção sobre fatores técnicos, sociais, econômicos e subjetivos diversos que são determinantes para o referido fechamento.

A sensação de poder individual de escolha entre assistir sendo assistido e assistir sem ser assistido, oferecido pelos novos meios, segue o mesmo padrão dos demais produtos da Indústria Cultural, que faz o consumidor se sentir rei quando efetivamente é reduzido a seu objeto, tal como lembrou T. Adorno em seu *Résumé*.

Nesse caso, o espectador pode nem ter uma conexão de internet que viabilize a transmissão de áudio e vídeo, mas ele sequer chega a experimentar esta insuficiência porque é iludido com a "opção" de manter sua câmera e áudio desligado e, instado a reforçar o hábito há muito promovido entre os produtos da indústria cultural de assistir algo para não se assistir, para se esquecer, para não pensar, para não se comprometer.

Mas esta "opção" oferece ao espectador, sobretudo, uma condição que é necessária para efetivação de um modo de trabalho no capitalismo contemporâneo marcado pelas multitarefas, o qual de acordo com C. Türcke (2016) faz com que a exploração capitalista seja praticada num formato estético, porque explora e estilhaça a capacidade de cada pessoa de governar a sua própria atenção. Um desgoverno que assim como o geral vivido no Brasil, tem repercussões para a própria constituição da subjetividade e para sua adesão àquilo que a exaure

### Corte ou partilha da atenção

Para Türcke a multitarefa é estimulada com a onipresença dos choques audiovisuais no cotidiano, pois com eles as pessoas praticam a mudança constante do foco de sua atenção com a mudança de ângulos e planos próprios das imagens cinematográficas, tal como compreendida por W. Benjamin (2012). Ao considerar que tais estímulos não se delimitam ao tempo de lazer mas preenchem também o tempo de trabalho, Türcke (2010) antecipou em muito o que está sendo vivido em meio a pandemia, quando a precarização do trabalho impele as pessoas, entre elas professores/as e estudantes a atender as multitarefas mediadas pelas telas.

Com isso, Türcke (2010,2016) alerta que a partilha da atenção com outras pessoas em torno de algo em comum, a oportunidade de estar concentrado em algo em específico com memórias próprias individuais e sociais é o que está sendo corroído.

O culto ao capitalismo, que adora o produtivismo e o consumismo sem fim, tal como apontou W. Benjamin (2013), praticado sem muro de contenção também nas casas das pessoas, "equipadas" para funcionar como facções produtivas computadorizadas/celularizadas que incitam as pessoas a se sentirem ainda mais

produtivas mesmo que com isso também se tornem mais solitárias e adoecidas, vem sendo insuflado desde há muito tempo com o chamado aqui por cinema convencional com sua decupagem clássica, que serviu de padrão para a produção das imagens audiovisuais, e penetra agora também o novo formato de ensino remoto, porque sua estética assim como o capitalismo depende da dissimulação de cortes.

A estética do chamado cinema clássico, naturalista, convencional, ou simplesmente de efeito janela, como ressalta Ismail Xavier (2005), carrega até hoje o princípio formal de dissipar a percepção sobre a falta de continuidade. Em outras palavras, este cinema que tem sido considerado por muitos/as brasileiros e brasileiras como produto de qualidade, numa longa tradição apontada por I. Xavier em seu livro "O discurso Cinematográfico" (2005) é aquele que encobre, assim como o capitalismo, as rupturas/os cortes que o constituem.

Como apontou Rodrigues e Farias (2017), o cinema observado por Adorno e Horkheimer (1985) no texto que compõe o livro "Dialética do Esclarecimento" e que se expande com o desenvolvimento de novas mídias, tem como uma de suas características o fato de respeitar rigorosamente as leis de continuidade capaz de garantir ao espectador a imersão no universo diegético, a não percepção de sua natureza entrecortada, que caracteriza também, e de modo progressivamente mais intenso, a experiência traumática da vida na sociedade capitalista.

Para TÜRCKE (2010) o desenraizamento social produzido pelo capitalismo diagnosticado por Marx e Engels (2010) já no Manifesto Comunista, produz uma experiência social traumática, e os choques audiovisuais vividos constantemente com jogos virtuais, séries veiculadas pela televisão a cabo e pela internet, mantém as pessoas alheias aos seus efeitos.

O fluxo ininterrupto que caracteriza o cinema convencional contribui para que o espectador permaneça isolado dentro de um momento em que vê a si mesmo como aquele que tem o poder de acompanhar o ritmo alucinante de tais imagens sem ser efetivamente atingido por elas ou por quaisquer lembranças de vivências entrecortadas e traumáticas (RODRIGUES E FARIAS, 2017).

No contexto de isolamento exigido pela pandemia, a exploração da atenção dividida e não partilhada é vivida como uma educação pela dureza, calcada na negação da própria presença ligada a um determinado lugar/tempo/seres. Como a respiração que já não é mais apercebida, a água bebida e não mais saboreada, a atenção isolada entre telas e realidade não mais tem permitido a cada pessoa se experimentar da presença de si com outras pessoas.

Nesse processo, o espírito experimental, ensaístico, de jogo, de brincadeira, de abertura para o acaso junto com o espírito da crítica também é confinado. E quando consegue se insurgir, tem sido desqualificado, tratado como fracassado e invisibilizado por não acirrar a intensa concorrência entre as pessoas e delas consigo mesmas.

Por isso, espera-se que mesmo incipientemente este trabalho tenha conseguido acenar para a necessidade de se discutir e de se pesquisar mais sobre os sentidos e os perigos da abertura constante para as telas e áudios e o fechamento de microfones e câmeras, praticados também nos cursos de formação docente na Universidade pública em meio a pandemia de covid 19.

## **Referências Bibliográficas**

ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. Rio de

Janeiro: Paz e terra, 1995a.

\_\_\_\_\_. "Transparências cinematográficas" de Theodor W. Adorno. **Archivos de la Filmoteca**: Revista de Estudios Históricos sobre la Imagen, Madrid, n.52, p.131-138, 2006. <<https://pt.scribd.com/document/106251468/Theodor-W-Adorno-Transparencias-cinematograficas>> Acesso em 18/02/2017.

ADORNO, Theodor W., HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BENJAMIN, Walter; LÖWY, Michael. O capitalismo como religião. Trad. de Nélio

Schneider. São Paulo: Boitempo, 2013

\_\_\_\_\_. A obra e arte na era da sua reprodutibilidade técnica. In. BENJAMIN, Walter, SCHÖTTKER, Detlev, BUCK-MORSS, Susan, HANSEN, Miriam. Benjamin e a obra de arte: técnica, imagem, percepção. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012. MARX, Karl, ENGELS, Friedrich . **Manifesto Comunista**. organização de introdução Osvaldo Coggiola; [tradução do Manifesto Álvaro Pina e Ivana Jinkings]- 1 ed. Revista- São Paulo: Boitempo, 2010.

RODRIGUES, Luciana A. FARIAS, Márcio N. Imagens técnicas e imagens mentais: contribuições do pensamento filosófico de C. Türcke para uma leitura de ' Terra em transe' na formação de professores. **PROBLEMATICA**: REVISTA INTERNACIONAL DE FILOSOFIA, 2018.

TÜRCKE, Christoph. Erregte Gesellschaft: Philosophie der Sensation. München: Verlag C.H. Beck. 2002

\_\_\_\_\_. **Sociedade Excitada**: filosofia da sensação. (Trad. A. Zuin, F. Durão, F. Fontanella & M. Frungillo). Campinas: Editora da UNICAMP, 2010.

\_\_\_\_\_. **Hyperraktiv!** Kritik der Aufmerksamkeitsdefizitkultur. München: Verlag C.H. Beck. 2012.

\_\_\_\_\_. **Hiperativos**: abaixo a cultura do déficit de atenção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

XAVIER, Ismail. **O discurso cinematográfico**: a opacidade e a transparência. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Paz e Terra, 2005.